

## APRESENTAÇÃO

Heronides Moura | [Lattes](mailto:heronides@uol.com.br) | [heronides@uol.com.br](mailto:heronides@uol.com.br)

Universidade Federal de Santa Catarina

Este número aborda a relação entre língua e cultura sob vários ângulos. Essa diversidade de perspectivas possibilitou a análise tanto de problemas tradicionais no estudo da interface entre língua e cultura (como a motivação sexista para a designação de gênero gramatical) quanto de temas menos estudados (como a distinção entre metáfora e símbolo).

O conceito de cultura é usado aqui em um sentido lato, envolvendo o conjunto de elementos culturais e sociais que podem afetar não só a análise das línguas como também a percepção sobre como a linguagem humana é constituída.

Com esse duplo olhar (voltado ora para o funcionamento das línguas, ora para como uma língua é percebida em uma dada sociedade), os artigos aqui reunidos oferecem instrumentos analíticos interessantes que trazem à luz a intrincada interação entre língua e cultura.

Todos os artigos convergem para a percepção de quão ilusória é a separação rigorosa entre o objeto linguístico e o contexto cultural no qual ele se situa.

Essa divisão se mostra enganosa ou muito tênue sob diferentes aspectos. Em primeiro lugar, quanto à própria natureza de conceitos gramaticais. Muitos desses conceitos supõem uma separação rigorosa entre o que é gramatical, de um lado, e o que é cultural ou social, de outro lado. No entanto, um olhar mais acurado pode revelar que essa divisão não é consistente. Os três primeiros artigos aqui reunidos mostram justamente que alguns conceitos gramaticais são afetados por fatores culturais e sociais. Os conceitos objetos de análise nos três primeiros artigos são, respectivamente, arcaísmo, papel temático e gênero gramatical.

O artigo intitulado *Repensando o arcaísmo: vocábulos de Os Lusíadas ainda presentes em uma variedade regional do Maranhão*, de Heronides Moura e Monisse Silva, mostra a incrível sobrevivência de vocábulos, usados na obra de Camões, em uma variedade rural do Maranhão, no Nordeste do Brasil. A contribuição do artigo é dupla. Em primeiro lugar, ele mostra que os chamados arcaísmos ainda são uma realidade em pleno séc. XXI. Em segundo lugar, os autores do artigo propõem uma revisão do conceito de arcaísmo. Tal conceito, segundo os autores, deve ser redefinido como uma retenção de significados ou formas antigas, sem qualquer correlação com o grau de escolaridade dos falantes que

usam os chamados arcaísmos. O conceito tradicional de arcaísmo é carregado de valoração pejorativa da linguagem popular, o que mostra que conceitos linguísticos muitas vezes dependem de valores culturais e não apenas do que é intrínseco às línguas.

O artigo intitulado *A Teoria dos Papéis Temáticos: referência e concepção de mundo*, de Lorenzo Vitral, realiza o mesmo trabalho crítico em relação a outro conceito linguístico: o de papel temático. O conceito de papel temático tem desempenhado uma função importante nos estudos gramaticais, em especial para a compreensão da interface entre semântica e sintaxe. O que o autor nos mostra é que uma análise mais acurada coloca em questão a validade das diferentes definições de papéis temáticos em relação a instâncias concretas de uso. Segundo o autor, as definições de papéis temáticos (como agente, paciente, experienciador, beneficiário etc) se revelam problemáticas porque supõem que tais papéis recortam realidades identificáveis no mundo. No entanto, para aceder ao papel desempenhado por um protagonista da cena verbal, os falantes não têm a seu dispor uma organização realista do universo do discurso. Para interpretar os papéis temáticos, eles precisam recorrer ao conhecimento do mundo, ou seja, à cultura na qual estão inseridos. Assim, segundo o autor, a teoria dos papéis temáticos só teria a ganhar se levasse em conta o contexto mais amplo e não apenas um recorte supostamente bem definido e dado *a priori*.

O artigo *Motivações para mudança de gênero gramatical na passagem do latim ao português*, de Luiz Queriquelli, analisa a dificuldade de separar o conceito gramatical de gênero do conceito social e cultural de gênero. A principal contribuição do artigo é examinar a relação entre gênero gramatical e gênero social em um campo lexical que tem sido menos estudado na literatura sobre o assunto. Trata-se dos substantivos designadores de objetos (pedras, plantas, frutas, metais). Tradicionalmente, entende-se que o gênero gramatical desse tipo de substantivo foi definido de forma arbitrária, na passagem do latim para o português. O autor tenta mostrar que essa visão simplifica os fatos, pois o exame de um conjunto de vocábulos mostra que estereótipos sociais podem ter contribuído para a atribuição do gênero gramatical nesse tipo de palavras. Por exemplo, as mudanças de *amethystum* > *ametista*; *sapphirum* > *safira*; *fagum* > *faia*, entre outras, parecem ter sido motivadas por fatores culturais, como a vinculação do feminino a coisas belas e suaves.

O quarto e o quinto artigos mostram como fatores culturais e sociais podem afetar o modo pelo qual as línguas são percebidas. O artigo intitulado *Pomerano: dialeto ou língua?*, de Guilherme Mader e Nicoli Knuth da Rosa, mostra que o pomerano, uma língua praticamente extinta na Europa, se mantém viva no Brasil. Os autores demonstram que

o pomerano é uma língua diferente do alemão, de modo que falantes dessas duas línguas não se compreendem mutuamente. No entanto, apesar disso, o estatuto de língua foi consistentemente negado ao pomerano, por fatores de ordem social e cultural. Como se tratava de uma língua tradicionalmente ágrafa, falada por uma população de agricultores mais pobres, o pomerano, tanto na sua região de origem quanto no Brasil, era descrito não como uma língua, mas como um dialeto. Ou seja, a percepção cultural discriminatória contra os falantes dessa língua termina afetando como ela é percebida na comunidade, inclusive pelos próprios falantes do pomerano.

O quinto artigo, intitulado *O filme a chegada e a permanência da visão romântica da linguagem*, de Heronides Moura e Alicia Sennes Pinto, é uma análise da teoria linguística esboçada no filme *A chegada*, do diretor Denis Villeneuve. Trata-se de um caso raro de produção hollywoodiana que se utiliza da teoria linguística para a construção do roteiro. Os autores do artigo mostram que a teoria linguística utilizada no filme reflete valores culturais bem definidos, entre eles a valorização do primitivo em relação ao civilizado. Ou seja, a própria teoria linguística não deixa de assumir um valor cultural, e é exatamente esse ponto de interseção entre língua e cultura que é explorado pelo filme. A teoria linguística que baseia o roteiro serve de arcabouço para que se imagine como uma língua alienígena poderia alterar a nossa percepção do mundo. Heronides Moura e Alicia Sennes Pinto tentam mostrar que o cenário imaginado no filme (no qual uma língua teria o poder de influir no modo como vemos a realidade) vai além da Hipótese de Sapir-Whorf, tendo suas raízes no Romantismo.

O sexto artigo, intitulado *Ambiguidade ideológica em Fernando Pessoa*, de autoria de Gabriela Graudenz, mostra a fina interação entre elementos linguísticos, culturais e ideológicos no pensamento político do poeta português Fernando Pessoa. A hipótese do artigo é que o poeta explora ao máximo a ambiguidade inerente ao vocabulário político. Ao oferecer diferentes delimitações do conceito de *democracia*, por exemplo, Fernando Pessoa é capaz de circular entre diferentes ideologias (conservadorismo, fascismo, nacionalismo e liberalismo) sem se fixar claramente em nenhuma delas. Ele converte a ambiguidade inerente às línguas humanas em uma ambiguidade ideológica irreduzível.

No sétimo artigo, intitulado *Espelho, gato, sol e outros conceitos: uma comparação entre metáforas e símbolos*, Alice Dionizio e Mileni Gertrudes Neis tentam estabelecer os limites conceituais de metáfora e de símbolo. Não se trata de uma tarefa fácil, pois valores culturais afetam esses dois tipos de significação. No entanto, as autoras propõem que o principal traço que separa a metáfora do símbolo é que a metáfora estabelece uma corre-

lação entre dois conceitos, ao passo que o símbolo explora a conotação de um único conceito. Isso não impede que metáforas e símbolos resultem, em alguns casos, em processos de significação muito próximos. As autoras ilustram essa proximidade com exemplos de metáforas e símbolos com a palavra *fogo*, por exemplo, que às vezes têm significados muito parecidos.

O oitavo e último artigo, intitulado *Hijos de la memoria: metáforas de la sobrevivencia en las voces de las madres de Soacha*, de Yuri Marlen Valencia Ordoñez, estuda as metáforas utilizadas pelas mães de filhos assassinados de forma brutal pelo Exército da Colômbia, em episódio que ficou conhecido como o caso dos *falsos positivos*, ou seja, jovens de comunidades vulneráveis que foram mortos de forma criminosa, mas que eram apresentados pelo Exército e pelo governo colombiano como *baixas em combate*. As metáforas utilizadas pelas mães visam a reconstrução da memória desses episódios traumáticos e a dignificação das imagens dos filhos brutalmente assassinados. Trata-se, assim, de uma situação extrema, na qual a linguagem se torna uma forma de sobrevivência, visando a reconstrução do corpo social fraturado. Além disso, as metáforas utilizadas refletem também uma oposição aguda entre as vítimas e os perpetradores do crime, marcando a discriminação social dos jovens assassinados.